



DCO
TERÇA-FEIRA



Nem a cachorra da Simone Tebet acredita no que ela fala

É o que dizem por aí.
LEIA NA PÁGINA A2

Candidato do PCO-MS ao Senado
Thiago Assad:
"Judiciário é o protagonista desta ditadura"



Thiago Assad é candidato do PCO ao Senado pelo Mato Grosso do Sul. – Foto: Reprodução
LEIA NA PÁGINA B1

Santa Catarina
Leandro Brugnago: jornada de 35 horas e defesa das estatais
LEIA NA PÁGINA A4

Aprenda neste curso
Qual a relação da história do País com desmatamento na Amazônia?
LEIA NA PÁGINA B3

Causa Operária
Revolução, governo operário, comunismo

PCO comparece às eleições para levantar o povo trabalhador contra a carestia, a fome e o desemprego

Redação da
Editoria de Política
DCO

O ano de 2022 provavelmente vai entrar para a história do Brasil e também do mundo. A crise do capitalismo atinge o limite máximo aceitável pelos trabalhadores, a

partir do qual só resta como saída a revolução com a implantação do governo operário e rumo ao comunismo, após passar pela etapa de transição que é o socialismo. No Brasil temos as eleições mais antidemocráticas já vividas pelo povo. São tantas as arbitrariedades já cometidas que praticamente não exis-

te mais uma rotina eleitoral para envolver a população, pelo contrário, todas as medidas são em sentido contrário, tanto que praticamente só existe campanha nas emissoras de televisão, nada nas ruas, nem comícios abertos, apenas os fechados e com revista na entrada.
LEIA NA PÁGINA A3



É preciso por um fim na concessão da Rede Globo! – Foto: Reprodução

Esquerda "plim plim"
Antes a esquerda queria o fim da Rede Globo, hoje a idolatra

Quando eleita em 2014, uma das principais cenas que marcaram a comemoração da vitória de Dilma Rousseff foram os gritos da população de “o povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”. O canto sendo transmitido ao vivo em pleno horário nobre da empresa não pôde ser abafado, causando constrangimento nos repórteres e deixando claro o embate político que existia entre as forças golpistas, com fundamental apoio da Rede Globo, e o governo eleito.
LEIA NA PÁGINA B2

Lula deveria ouvir Steve Bannon

Neste domingo (18), Steve Bannon concedeu uma entrevista à *BBC Brasil* analisando as figuras, principalmente, de Lula e Bolsonaro à luz das eleições presidenciais de 2022. Considerado como um dos maiores ideólogos da extrema-direita à nível mundial, Bannon considera o pleito eleitoral brasileiro deste ano como um dos mais importantes de todo o século XXI, afirmando que será “uma das mais intensas e dramáticas eleições”. Na ocasião, Bannon comparou

Lula a Biden no que diz respeito ao seus estilos de campanha política: “Ele está fazendo uma campanha como Biden. Quer dizer, acho que o que é tão interessante ou curioso é que aqui temos uma figura populista dinâmica que não está realmente hoje executando uma campanha populista dinâmica. Acho que a comemoração dos 200 anos foi o exemplo mais contundente de que ele não é um populista numa campanha popular. As multidões não estão lá, a intensidade não está lá”, afirmou

o direitista. Trata-se de um argumento de uma autoridade que entende do assunto. Afinal, Bannon foi o grande responsável pela vitória de Trump em 2016 e, com sua rede mundial, tem responsabilidade em inúmeras vitórias da extrema-direita na Europa e, de maneira geral, em seu crescimento frente às massas. Em todas essas campanhas, Bannon mostrou que sabe que, para vencer, é preciso mobilizar multidões.
LEIA NA PÁGINA A2

Insurreições à vista?
Como as sanções à Rússia estão levando a Europa à ebulição

Neste último sábado (17), as ruas de Paris foram marcadas por gigantes passeatas organizadas pela população as quais pediam a saída do atual presidente, Emmanuel Macron, assim como também a saída da França da Otan e da União Europeia. Algo similar ocorreu na República Tcheca: no dia 3 de setembro.
LEIA NA PÁGINA C1

"Bancada progressista"?
Seria melhor Lula fumar crack que virar cabo eleitoral de Boulos

Do jeito que a coisa anda, a única a conclusão à qual podemos chegar é mesmo a de que seria melhor Lula se tornar um crackeiro do que se tornar cabo eleitoral desse Cavalo de Troia chamado Guilherme Boulos. Leia tudo sobre Boulos e o IREE. Uma série de reportagens que

mostra como há ligações entre esse instituo e a CIA. Boulos é um sujeito esperto. Ele e seu partido, Psol, pouco ou nada fizeram para tirar Lula da cadeia, consideravam que a palavra de ordem Lula Livre não agregava.
LEIA NA PÁGINA B4



Lula anda muito ‘paz e amor’. – Montagem: DCO

EDITORIAIS



Lula deveria ouvir Steve Bannon

Neste domingo (18), Steve Bannon concedeu uma entrevista à *BBC Brasil* analisando as figuras, principalmente, de Lula e Bolsonaro à luz das eleições presidenciais de 2022. Considerado como um dos maiores ideólogos da extrema-direita à nível mundial, Bannon considera o pleito eleitoral brasileiro deste ano como um dos mais importantes de todo o século XXI, afirmando que será “uma das mais intensas e dramáticas eleições”. Na ocasião, Bannon comparou Lula a Biden no que diz respeito ao seus estilos de campanha política: “Ele está fazendo uma campanha como Biden. Quer dizer, acho que o que é tão interessante ou curioso é que aqui temos uma figura populista dinâmica que não está realmente hoje executando uma campanha populista dinâmica. Acho que a comemoração dos 200 anos foi o exemplo mais contundente de que ele não é um populista numa campanha popular. As multidões não estão lá, a intensidade não está lá”, afirmou o direitista. Trata-se de um argumento de uma autoridade que entende do assunto. Afinal, Bannon foi o grande responsável pela vitória de Trump em 2016 e, com sua rede mundial, tem responsa-

bilidade em inúmeras vitórias da extrema-direita na Europa e, de maneira geral, em seu crescimento frente às massas. Em todas essas campanhas, Bannon mostrou que sabe que, para vencer, é preciso mobilizar multidões. Ademais, Bannon, ao longo da entrevista, deixou claro que Lula tem o potencial para convocar uma gigantesca mobilização no Brasil, mas não está fazendo isso. Enquanto isso, Bolsonaro está apostando no povo como principal eixo de sua campanha, como mostrou nos atos que fez no Bicentenário da Independência, atos os quais Bannon considerou como “muito impressionantes” e “de tirar o fôlego”. Em outras palavras, a fraquíssima campanha de Lula tem feito uma importante figura da extrema-direita mundial afirmar que, em 2022, a vitória será de Bolsonaro. Conclusão tirada em decorrência do fato de que, enquanto Bolsonaro mobiliza suas bases, Lula fica em casa. Na realidade, Bolsonaro também tem consciência desse fato e, justamente pela ausência de Lula, está se mobilizando. Finalmente, é assim que se ganha uma eleição: mobilizando a classe operária. Por isso, a campanha de Lula precisa mudar de maneira radical e, imediatamente, mobilizar os trabalhadores em torno de sua campanha. Caso

contrário, é quase inevitável que a força do bolsonarismo no Brasil aumente cada vez mais e, conseqüentemente, consiga atingir uma vitória no pleito deste ano. O próprio ato do dia 7 de Setembro mostra que Bolsonaro está, efetivamente, criando uma base sólida que não se mobiliza apenas de um ponto de vista político, como também ideológico. Ou seja, está agrupando uma parcela importante da sociedade brasileira em torno de sua campanha e de sua figura, como um todo. Fato é que, ao redor de todo o planeta, a esquerda está em uma crise profunda que se traduz em seu apoio, em diversas ocasiões, à política do imperialismo. Algo que, no final, afasta o povo que, massacrado diariamente pelo imperialismo, rejeita a política oportunista da esquerda. Conseqüentemente, quem cresce é a extrema-direita que, aproveitando-se da situação, faz demagogia com a classe operária pintando uma imagem anti-sistema. A única forma de reverter isso é, justamente, mobilizando os trabalhadores e realizando uma campanha que dependa única e exclusivamente das bases, dos trabalhadores. É isso que Lula precisa fazer para sair vitorioso das eleições de 2022.



BLOGS E COLUNAS

Fábio Picchi

Nem a cachorra da Simone Tebet acredita no que ela fala

Para que eu não seja preso, torturado e assassinado sob a acusação de difusão de “fake news”, começo este texto deixando uma coisa absolutamente clara: trata-se de um artigo de humor, que pode recorrer a figuras de linguagem para melhor expressão. Por exemplo, não sei, nem quero saber, se a senadora Simone Tebet (MDB-MS) tem uma cadela de estimação, mas, para efeitos literários, irei considerar que ela tenha um bichinho fedido para chamar de seu. Como bicho não tem honra, nem cidadão é, ressalto também que não posso ser processado por chamar uma coisinha peluda que nem sabemos se existe de *fedida*. Não faz muito tempo que conheço a cachorra da Simone Tebet. A primeira vez que a vi foi quando ela começou a latir para Wagner do Rosário, ministro da Controladoria-Geral da União. Cheguei, na hora, a procurar algum veterinário que tratasse hidrofobia, mas só encontrei um senador especialista em combate à homofobia. Ele veio saltitando e começou a latir também. Por sorte, o próprio Wagner do Rosário soube diagnosticar a situação, dizendo apenas que a ca-

chorra estava *descontrolada*. Não passava de um showzinho que ela faria todo mês para poder aparecer no Jornal Nacional, uma espécie de “se vira nos 30” canino, que, em vez de ser apresentado pelo Faustão, era narrado pela Renata Vasconcelos. A partir de então, fui acompanhando mais de perto a trajetória ascendente da cadela. A cachorra e Tebet passaram a ser figuras cada vez mais indissociáveis, assim como aconteceu com o cachorro do George Bush. Nos momentos antes de sua prisão, Lula declarou ao público: “minhas ideias estão no ar e não tem como prendê-las. (...) Não sou mais um ser humano. Eu sou uma ideia”. De forma semelhante, dizem no MDB que Tebet fala pelos

corredores: “minha cadela está no cio e não tem como prendê-la. Não sou mais um ser humano. Eu sou uma...”. Bom, não lembro o final da frase, mas em resumo, dizem que é impossível separar a Simone Tebet de sua cachorra, ou a cachorra da Simone Tebet: são uma unidade indivisível. Hoje, Tebet é, além de senadora, candidata a presidente da República, dando a muitas figuras o prazer de fazerem parte de sua campanha. Esse prazer, Tebet deu para Michel Temer (MDB) e Tasso Jereissati (PSDB), dentre outros homens por trás de sua candidatura. Afinal, teria dito um careca até pouco tempo filiado ao PSDB: “como Tebet, não tem igual”. Embora indubitavelmente competente, a candidatura de Tebet

ainda não decolou. Mas está se esforçando! Em todas as suas entrevistas, debates e aparições públicas, a senadora sul-matogrossense tira da bolsa uma promessa. Tanto é assim que chegou a ser chamada de “mãe dos pobres”. Tebet já prometeu que nenhuma criança irá passar fome, que irá manter o auxílio emergencial, prometeu até que irá libertar aqueles que foram presos injustamente — seja lá qual for o seu critério para isso. Resta saber, no entanto, se a mesma Tebet que apoiou o golpe de Estado de 2016 realmente acredita nisso tudo. Segundo o Dr. Dolittle, a cachorra da Simone Tebet não acredita. O que, no final das contas, quer dizer a mesma coisa.



CAUSA OPERÁRIA TV
24 HORAS EM DEFESA
DOS TRABALHADORES

ESCOLHA DOS EDITORES

Causa Operária

Revolução, governo operário, comunismo

PCO comparece às eleições para levantar o povo trabalhador contra a carestia, a fome e o desemprego

O ano de 2022 provavelmente vai entrar para a história do Brasil e também do mundo. A crise do capitalismo atinge o limite máximo aceitável pelos trabalhadores, a partir do qual só resta como saída a revolução com a implantação do governo operário e rumo ao comunismo, após passar pela etapa de transição que é o socialismo.

No Brasil temos as eleições mais antidemocráticas já vividas pelo povo. São tantas as arbitrariedades já cometidas que praticamente não existe mais uma rotina eleitoral para envolver a população, pelo contrário, todas as medidas são em sentido contrário, tanto que praticamente só existe campanha nas emissoras de televisão, nada nas ruas, nem comícios abertos, apenas os fechados e com revista dos interessados na entrada.

Tudo parece feito para tirar o povo de participar do processo eleitoral para apenas comparecer à urna e colocar seu voto de forma mecânica e alienada de todo processo de eleger seus representantes para o parlamento.

O marco do início da crise econômica atual é a quebra da bolsa de Nova Iorque em 2008, afetando também os sistemas financeiros mundiais com destaque para a Itália, Espanha, Grécia, Portugal e toda a Europa, que foi quem mais sofreu o impacto da retração financeira.

Muitas empresas e bancos abriram falência, aumentando o desemprego, a inflação e diminuindo o fornecimento de crédito. A quebradeira generalizada do valor das ações das empresas nas bolsas de valores resultou no socorro imediato do sistema financeiro com injeções de bilhões por parte dos governos federais, tentando conter os efeitos que se mostrariam no tempo muito mais nocivos ao sistema capitalista.

O socorro às empresas é imediato enquanto que o socorro aos trabalhadores é muito lento e depende de outras condições, como por exemplo a vontade política e outras inúmeras desculpas. Salvar o capital é mais importante que salvar vidas humanas vitimadas pela fome, frio e sede. O estado burguês não se incomoda com os trabalhadores apenas com os lucros do capital, o que é esperado desse estado, por isso é necessário substituir o estado burguês pelo estado operário, para atender os interesses dos trabalhadores em primeiro lugar.

Para piorar o que já era ruim veio a pandemia e até agora o saldo “oficial”

é de cerca de 3 milhões de mortos, na maioria da classe trabalhadora por ter menos recursos para se proteger com falta de medicamentos, hospitais, testes e máscaras, onde ficou clara a negligência do estado burguês com essa classe.

Para aprofundar mais a crise em 24 de fevereiro de 2022 a Rússia move uma ação militar para desnazificação e desmilitarização da Ucrânia, usada pela Otan, EUA, Inglaterra e seus títeres para avançar na implantação de bases militares da Otan nos países do leste europeu que fazem fronteira com a Rússia. Isso é uma ameaça real aos russos.

A ação militar russa ocorre em defesa de seu povo e de seu território contra os interesses imperialistas que desejam se apropriar de seu petróleo, gás e recursos minerais que são abundantes na Rússia. O processo que o imperialismo usa é o mesmo que ocorreu nas primaveras árabes, na invasão do Iraque, da Síria, do Afeganistão, Paquistão e inúmeros outros.

Em todas essas invasões o objetivo central é se apropriar do petróleo e demais recursos naturais. Para isso invocam a existência de armas nucleares, químicas, e outras para invadir. Como hoje sabemos, no Iraque não foram encontradas armas químicas, em compensação toda produção do petróleo está sob controle dos EUA, isso no Iraque e na Síria também. Tudo indica que o próximo alvo pode ser a região Amazônica, rica em petróleo, e outros minerais importantes para serem usados nas indústrias.

As crises capitalistas acentuam a luta de classes por acentuar as diferenças na distribuição da riqueza produzida no país. Enquanto o sistema acumula muita riqueza para os empresários imperialistas, por outro lado acumula muita miséria, fome e sede para os trabalhadores. É assim que se constitui o processo de produção capitalista.

As eleições têm a função de eleger os representantes do povo para o parlamento. Como estamos diante de um estado burguês, cuja função é gerenciar a riqueza do capital, a burguesia interfere diretamente no processo para garantir que sejam eleitos apenas os políticos simpáticos a eles. Podem até distribuir algumas queixas à classe trabalhadora, mas só isso, nada de substancial. Caso contrário não serão eleitos ou se forem eleitos serão derrubados por golpes de estado patrocinados diretamente pelo imperialismo, entenda-se Washington.

Os primeiros partidos políticos fo-



PCO - a formiga operária que está sempre nas ruas pelo trabalhador. - Foto: Arquivo

ram criados pelos trabalhadores para fortalecer a união entre eles e fazer frente ao poder gigantesco dos capitalistas na luta de classes, depois com os primeiros sucessos da ação partidária, a burguesia criou os seus para se contrapor aos partidos operários. E para conquistar a confiança dos trabalhadores, prometem mundos e fundos para os trabalhadores se forem eleitos. Hoje os trabalhadores aprenderam que promessa não é dívida, e que as promessas nunca foram cumpridas.

O que mantêm esses partidos da burguesia ativos é o financiamento pleno deles por parte da burguesia. Esses partidos não têm militância nem filiados, como manter a estrutura partidária sem filiados? As empresas são quem mantêm esses partidos abertos. Partidos autenticamente identificados com a luta dos trabalhadores jamais serão financiados pelo capital empresarial, e é obvio o motivo, na luta de classes financiar o oponente é como dar tiro no pé ou cometer suicídio. Os partidos que recebem financiamento do meio empresarial fatalmente se colocam a serviço do capital e iludem os trabalhadores. Afinal quem paga a banda escolhe a música. Não é assim?

Como a crise do capitalismo já ultrapassou uma década sem perspectiva

de sair dela, deixou como resultado milhões de desempregados, 470 milhões no mundo segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) dados de 2020 antes da pandemia e incluindo os subempregados e os que desistiram de procurar emprego. Já a pandemia ceifou a vida de mais de 3 milhões.

O número de moradores de rua pelo mundo aumentou significativamente. Em território nacional são cerca de 221.869 segundo dados do Ipea de 2020. Nos EUA são cerca de 500 mil, o mesmo na Alemanha e praticamente toda a Europa segue o mesmo padrão. A Federação Europeia das Associações Nacionais que Trabalham com os Sem-Teto (Feantsa, na sigla em francês) confirmou a tendência crescente com um estudo recente, que aponta uma piora da crise social e um crescimento cada vez maior da desigualdade entre ricos e pobres. Estes dados são de 2016, antes da pandemia e da crise entre Otan, EUA, Inglaterra e UE que atuam contra a Rússia em território da Ucrânia. Na zona do euro ainda contam com o crescimento do número de refugiados que reforçam esses dados e também da deterioração do emprego. Diante da grave situação da classe operária frente à classe capitalista imperialista, a questão da organi-

zação e união dos trabalhadores é questão de sobrevivência dela. Isso só é possível através de suas organizações sindicais, partidos políticos e demais movimentos sociais. Como as coisas estão na política partidária, nos sindicatos e demais movimentos sociais está claro que caminhamos para a derrota da classe operária. As políticas adotadas pelas organizações dos trabalhadores estão muito aquém do que é necessário neste momento. Em geral buscam desesperadamente a conciliação de classes, quando a classe capitalista já deixou claro que quer salvar a economia não os trabalhadores. Nesse sentido, só o enfrentamento direto poderá mudar a correlação de forças a favor dos trabalhadores. Os capitalistas com crise e com tudo estão aumentando os lucros e as suas riquezas, ao passo que os trabalhadores perdem o emprego, o atendimento médico, os benefícios sociais a moradia e tudo mais. Mas como os fatos são teimosos, a realidade deixa claro para os trabalhadores que é chegada a hora de se mobilizar para poder voltar a ter as mínimas

condições de vida, avançando contra o poder do estado capitalista para enfim torná-lo em estado dos trabalhadores. Já que perderam demais da conta e não querem mais continuar a pagar as contas para manter os lucros enquanto sofrem todas as mazelas impostas pelo capital. Felizmente para os trabalhadores identificamos que apenas um partido resume as condições para esse enfrentamento. Um partido que não sucumbiu aos flertes do capital, que se mantém fiel aos princípios da luta dos trabalhadores, que mantém uma política ajustada ao momento e que objetiva tirar os trabalhadores da inércia e colocá-los em movimento em busca do que é seu por direito. Por justiça social, por liberdade de expressão, por jornada de trabalho reduzida para 35 horas semanais sem redução dos salários para que muitos mais possam sair do desemprego e voltar a ter um salário e manter sua família. Esse partido é o que vem apresentando a cada dia maior aceitação pelos trabalhadores, que vem engrossando suas fileiras de militantes

e que luta pela emancipação dos trabalhadores e seus segmentos como as mulheres, os negros, povos indígenas, os de outras opções sexuais. Que a luta de todos esses segmentos só poderão ter sucesso com a união de todos contra o verdadeiro opressor, o sistema capitalista. É essa a luta do partido que vem sendo cada vez mais aceito como autêntico representante das classe de trabalhadores e do povo em geral. Esse partido é sem a menor sombra de dúvidas o PCO. E a prova que isso é real é que o sistema imperialista está impondo sérias restrições a sua atuação na sociedade, com o fechamento de todas as suas redes sociais na internet, com o enorme atraso na entrega das verbas partidárias, com ameaças judiciais contra sua direção, etc. Mesmo assim o partido está com presença destacável nas eleições. Na política existe uma máxima que diz que não se deve chutar cachorro morto, então se o PCO está sendo chutado é porque está incomodando muito o sistema. Isso indica que estamos no caminho certo para aumentar a ferida mortal desse sistema pro-

ductivo injusto e anti-democrático. Esse partido é o PCO, o partido que comparece às eleições para convocar o povo à luta. Que não tem compromisso com os inimigos do povo, muito pelo contrário. Que tem na mobilização a ferramenta decisiva para a luta política. E que luta pela Revolução, governo operário, comunismo. Quem bate cartão não vota em patrão!



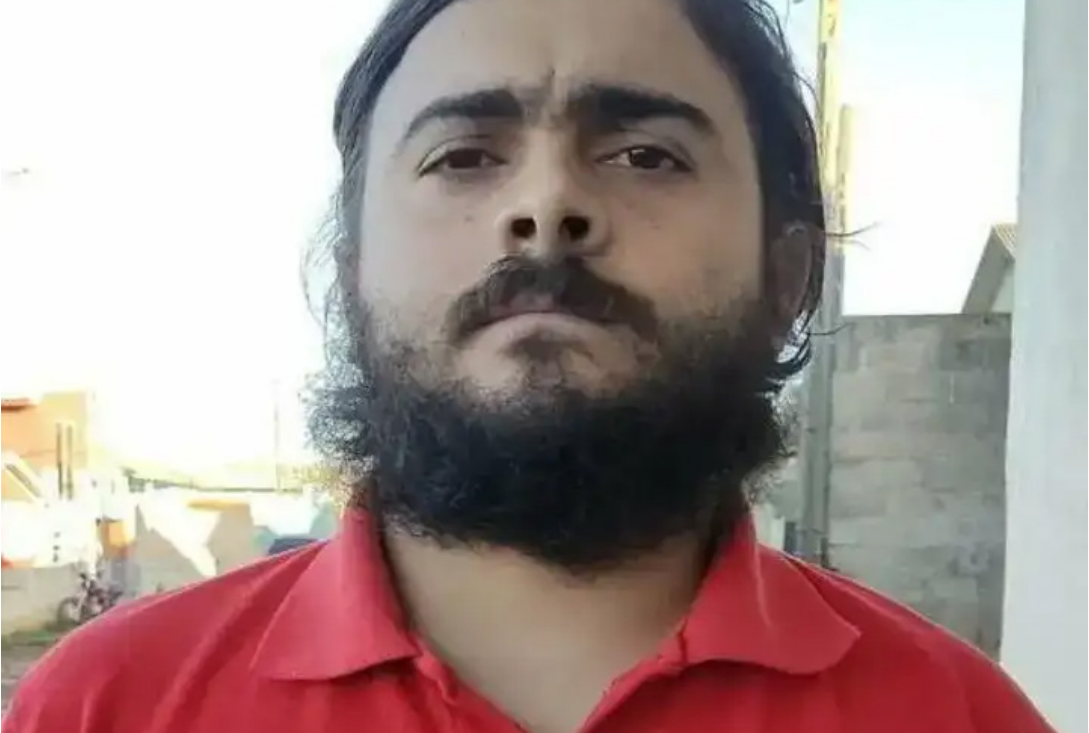
Moldávia pede renúncia do presidente e pelo fora Otan

Santa Catarina

Leandro Brugnago: jornada de 35 horas e defesa das estatais

Confira a entrevista realizada pelo DCO com Leandro Brugnano, candidato ao governo de Santa Catarina.

Assim como diversas das candidaturas do PCO, a candidatura ao governo de Santa Catarina traz um jovem. Com 31 anos de idade, o operário marceneiro Leandro Brugnago foi escolhido em plenária para divulgar o programa político do Partido no estado do Sul do país. Atuante nas principais lutas dos últimos anos, como a luta contra o golpe de 2016 e pela liberdade de Lula, começou sua vida política como muitos militantes da esquerda, no movimento estudantil. Leandro leva adiante a campanha eleitoral do PCO, por um governo dos trabalhadores da cidade e do campo. O Diário Causa Operária realizou uma entrevista com ele para acompanhar o desenvolvimento da atuação de Leandro na campanha eleitoral. Confira a entrevista na íntegra: **Diário Causa Operária:** Como é para um trabalhador estar frente a frente com jornalistas da grande imprensa e com políticos profissionais em um debate, falando para milhões de pessoas? **Leandro Brugnago:** Bom, a proposta do Partido é exatamente essa mesmo. Estar confrontando essas velhas raposas da burguesia, da política. E estar confrontando ela levando um programa operário. As principais dificuldades mesmo são a falta de manuseio que a gente tem com essas ferramentas, ficar atrás das câmeras e tal. Mas isso aí é superado aí pela convicção política e pela vontade do pessoal do partido também de estar levando o programa do Partido adiante. **Diário Causa Operária:** Em um



Leandro Brugnago candidato ao governo de Santa Catarina pelo PCO. - Foto: Reprodução

debate recente, você destacou que é o único candidato que recebe um salário mínimo, enquanto os outros são ricos. Isso mostra que as eleições são feitas pela burguesia para que seus candidatos vençam? **Leandro Brugnago:** A eleição brasileira, como na maioria do mundo, ela é feita pros representantes da burguesia vencerem. Eles fazem aquela velha demagogia, tapinha nas costas, sai pra comer pastel. Tem aquela cara de povão, mas na verdade são ricos, milionários, que estão ali para representar outros ricos e milionários. Isso aí em Santa Catarina ainda fica muito mais escancarado. **Diário Causa Operária:** Qual a situação econômica e social do estado neste momento? **Leandro Brugnago:** A grande mídia de Santa Catarina coloca Santa Catarina como se fosse um mar de rosas, como se tivesse tudo tran-

quilo. Aqui nada acontece, aqui tem emprego, aqui tem saúde, aqui tem renda. O que é uma grande mentira né, Santa Catarina tá um caos, assim como o resto do Brasil. A saúde tá paralisada. Colocam o estado como gerando empregos, o que é uma grande mentira, porque eles manipulam essas estatísticas principalmente em época de eleição pra dizer que estão criando empregos. Mas na verdade estão criando subempregos. Tem muita gente passando fome e tem muita gente com necessidade no estado. Mas perante a mídia está tudo bem, é uma lindeza, Santa Catarina é um estado lindo. O que é uma grande palhaçada. **Diário Causa Operária:** Como tem sido a campanha eleitoral do PCO em Santa Catarina, vocês têm conseguido conversar com a população? **Leandro Brugnago:** A campanha

do PCO em Santa Catarina realmente é uma campanha operária. Ela é feita do trabalhador para o trabalhador, por isso que ela difere muito das outras campanhas que tem, por isso que ela tem tomado tanto destaque. A gente tá na periferia, nos grandes centros, dialogando com a população, levando nosso programa. Levando a candidatura do Lula, mas sem deixar o nosso programa de lado, levando também as reivindicações e o programa do Partido, que é um programa muito completo. **Diário Causa Operária:** Quais propostas do PCO são mais populares entre as pessoas com quem você conversou? **Leandro Brugnago:** Sem dúvida, a principal proposta do PCO, do nosso programa, que tomou adesão da população, da classe trabalhadora, é a redução da jornada de trabalho para 35 horas semanais. Tem tomado adesão, o povo tá na rua com a gente exigindo isso aí, tem no nosso material, sempre tem destaque nas rodas de conversa, nas empresas, nos sindicatos. Enfim, essa com certeza é a proposta do PCO que mais está tendo adesão da população. Mas dá pra destacar também a defesa do PCO das empresas estatais. Essa parte também do nosso programa, de reestatização das empresas que foram privatizadas, também toma bastante destaque entre os trabalhadores. Porque os trabalhadores estão entendendo que na verdade o descalço do Estado do jeito que está se deve muito à falta de empresas nacionais ou as empresas que foram tomadas da gente. Seriam essas as duas principais propostas nossas que têm adesão da população.

Candidato do PCO-MS ao Senado

Thiago Assad: "Judiciário é o protagonista desta ditadura"

Partido Operário contra o imperialismo à favor da luta do povo por um governo próprio



Thiago Assad é candidato do PCO ao Senado pelo Mato Grosso do Sul. – Foto: Reprodução

Entre os candidatos elegíveis o Partido da Causa Operária faz uma série de entrevistas com os verdadeiros candidatos do povo, ou seja, os candidatos da Causa Operária. O candidato apresentado nessa rodada é Thiago de Carvalho Assad, candidato a deputado federal pelo Estado do Mato Grosso do Sul. O camarada é jornalista, atua na redação do Jornal Causa Operária, do Diário Causa Operária e é militante do PCO desde 2018, integrando sua direção regional. Foi presidente do Centro Acadêmico do Curso de História na UFMS. Integra as fileiras militantes do PCO com atuação renomada na luta pela garantias trabalhistas. As 10 principais propostas do Partido, as quais Assad apresenta com sua candidatura, são: 1 – Reajuste de 100% dos salários para combater a carestia, 2 – Redução da semana de trabalho para 35 horas para criar milhões de novos empregos, 3 – Restabelecimento de todos os direitos trabalhistas retirados da CLT, fima da terceirização, carteira assinada e direitos para todos, 4 – Confisco do latifúndio, terra para quem nela trabalha, 5 – Cancelamento de todas as privatizações, empresas construídas pelo povo para servir ao controladas pelos trabalhadores, 6 – Estatização dos sistema financeiro para desenvolver o País, 7 – Defesa das liberdades democráticas, liberdade de expressão irrestrita, direito ao armamento para todos, direito de greve irrestrito, liberdade irrestrita de organização política e sindical, fim da PM, 8 – Fora o imperialismo: Nenhuma ingerência estrangeira sobre a Amazônia, petróleo e energia elétrica 100% estatais e nacionais, 9 – Defesa da saúde e educação públicas e gratuitas, fim do vestibular, moradia para todos, 10 – Reforma política e jurídica, com o fim do STF e por um governo dos trabalhadores, pelo socialismo. Segue a entrevista na íntegra: **Diário Causa Operária:** Pode começar contando um pouco sobre você? Sua história pessoal e sua história na política, na militância. Sua formação, profissão etc.

Thiago: Sempre fui próximo ao PT, mas nunca fui além de um simpatizante filiado. Isso mudou quando a mobilização golpista da direita conseguiu derrubar a então presidenta Dilma Rousseff. Este eventos deixou claro para mim que tanto as leis quanto os acordos fechados nos gabinetes parlamentares nada significavam diante da força da burguesia. Mesmo diante do fracasso dos métodos parlamentares, eles voltaram a aparecer diante do problema da prisão do ex-presidente Lula. O PT e setores mais reacionários da esquerda insistiam em métodos de luta ineficazes. Contraopondo-se ao senso comum esquerdista de então, o Partido da Causa Operária (que eu comecei a acompanhar durante o período do Golpe de 16) chamava a população a se mobilizar e não confiar no Estado. Parecia-me óbvio que o Estado estava determinado a prender Lula, mas a esquerda insistia em uma ilusão de razoabilidade institucional que, já à altura, era totalmente fora da realidade e criticava a palavra de ordem “não deixar prender”. **Diário Causa Operária:** Você chegou a presidir o Centro Acadêmico de História na UFMS, certo? O que pode nos falar sobre a importância do movimento estudantil na política? **Thiago Assad:** O movimento estudantil é fundamental para um desenvolvimento progressista da luta política, no Brasil e no mundo. Aliás, nos países atrasados, onde a organização da classe trabalhadora é menor, a organização dos estudantes é ainda mais importante para a mobilização popular. Vimos isto acontecer no Brasil diversas vezes. No dia do golpe que derrubou o ex-presidente João Goulart, em 1964, a extrema direita golpista de então tratou de incendiar o prédio da União Nacional dos Estudantes, no Rio de Janeiro. Poucas semanas depois, em maio, a ditadura abria a famigerada CPI da UNE, que jogaria a principal organização do movimento estudantil brasileiro na ilegalidade. Os golpistas que derrubaram o governo eleito de Dilma Rousseff em 2016 tentaram fazer

o mesmo na ocasião, refletindo a preocupação das forças do atraso com o movimento estudantil. Sobram razões para a direita temer os estudantes. Ainda na Ditadura Militar, é do movimento estudantil que saíram os mais combativos elementos de enfrentamentos contra os militares. Desde os grandes protestos do primeiro período, até o AI-5, passando pela luta armada e finalmente a retomada das manifestações de rua em 1977, os estudantes brasileiros estiveram sempre na vanguarda dessa luta. Também no atual regime, oriundo do golpe de 16, o movimento dos secundaristas de ocupação das escolas acouu não apenas o governo paulista de Geraldo Alckmin, mas também o governo do usurpador Michel Temer. Sobram evidências históricas comprovando que o temor da burguesia quanto aos estudantes, suas tendências radicais e sua disposição infinita para ação revolucionária tem fundamento. **Diário Causa Operária:** E sobre o seu trabalho, como jornalista. O que você acha da alegação de que existe um regime, por parte do judiciário, que censura o povo? Está acontecendo a censura no País? **Thiago Assad:** Está cada vez mais perigoso ser jornalista no Brasil. Minha simpatia por Allan dos Santos é zero, mas qualquer um com um mínimo de juízo precisa se solidarizar com a situação enfrentada pelo propagandista do bolsonarismo e ter a clareza de que amanhã, pode ser o próximo. Este mesmo Diário Causa Operária já foi censurado, assim como outros órgãos de comunicação relacionados ao PCO, partido que foi também incluído no misterioso Inquérito das Fake News, por ordem do sacripanta ministro do STF, Alexandre de Moraes. Estamos vendo um agravamento da censura não só no Brasil, mas em todo o mundo. Essa ofensiva contra conquistas históricas da humanidade como a liberdade de expressão e de imprensa, ameaça fazer o mundo retroceder à Idade Média e especialmente graves para as organizações de luta dos trabalhadores. A esquerda deveria estar enfrentando esse levante reacionário de maneira enérgica, mas não é o que vemos acontecer. No Brasil, observamos que apesar de todo alvoroço causado pelas declarações alarmistas do golpista Jair Bolsonaro, foi o judiciário que se mostrou o grande protagonista da implementação prática da ditadura prometida pelo presidente de extrema direita. É o STF que está criminalizando a atividade jornalística e aos poucos, trazendo as trevas da censura e da ditadura ao País. **Diário Causa Operária:** No Mato Grosso do Sul, um dos principais destaques da atuação do PCO é justamente a candidatura de Magno Souza, indígena que, agora, está sob o perigo de ser impugnado. O que pode nos falar sobre isso?

Thiago Assad: É muito curioso observar que o registro de qualquer candidatura está atrelada a apresentação de uma certidão de Antecedentes Criminais, o que impede alguém com dívidas junto à justiça penal de concorrer. Trata-se de um expediente draconiano para restringir os direitos políticos sobretudo da população pobre, as vítimas por excelência do sistema penal no País, mas no caso do companheiro Magno, essa certidão foi devidamente apresentada à justiça eleitoral. A Procuradoria Regional Eleitoral do Ministério Público Federal (PRE-MPF) claramente fez uma varredura inacreditável atrás de alguma vírgula fora do lugar em um papel, qualquer loucura capaz de impugnar a candidatura do nosso companheiro, conhecido guerreiro da retomada Araticuti e membro dirigente do comitê de luta de Dourados. Finalmente acharam uma obscura condenação por furto de bicicleta. Ou estamos diante dos únicos burocratas do planeta que apreciam o monte de nada que fazem ou (mais provável) a pressão dos latifundiários locais e da base de apoio da candidata presidencial Simone Tebet foi intensa. **Diário Causa Operária:** Outra curiosidade que não podemos deixar de destacar é que o caso comprova o quanto nossos candidatos são pobres. Consegue imaginar o padrão de vida de quem é condenado por furtar uma bicicleta? **Thiago Assad:** Precisava fazer esse aparte porque é simplesmente inacreditável que em um país como o Brasil, dadas as condições de vida dos índios, um deles seja condenado por algo que facilmente entraria no que o mundo jurídico classifica como “princípio da bagatela”, isto, uma ação tipificada no código penal, mas de lesão muito baixa para justificar uma condenação. **Diário Causa Operária:** Vemos que, quase toda semana, surge a notícia de que um jagunço atacou alguma aldeia indígena no Mato Grosso do Sul. Qual a política do PCO para esses casos? **Thiago Assad:** A violência no campo é um fato. Isso não vai mudar com propaganda brega sobre o amor ou dancinhas nas redes sociais. Se, do lado dos latifundiários, há disposição para atirar e matar os indígenas, os índios precisam ter meios minimamente equitativos de reação. Uma coisa que me chamou atenção nessa questão de tornar o conflito mais equilibrado é ver como isso é popular entre os índios. Acredito que o fator principal da aproximação do PCO junto ao povo guarani caiouá no Sul do MS é a nossa defesa do armamento civil irrestrito. É impressionante como isso é popular entre os povos indígenas. Só os privilegiados da esquerda pequeno-burguesa perdem a cabeça quando ouvem falar em armar a população. Os setores mais oprimidos da sociedade em geral reagem muito bem.

Política

Esquerda "plim plim"

Antes a esquerda queria o fim da Globo, hoje a idolatra

Concessão do monopólio dos Marinho termina em 5 de outubro e aqueles que pediam a sua cassação no passado, hoje são os maiores defensores do grupo



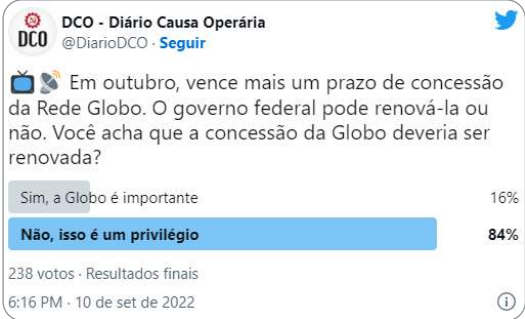
É preciso por um fim na concessão da Rede Globo! – Foto: Reprodução

Quando eleita em 2014, uma das principais cenas que marcaram a comemoração da vitória de Dilma Rousseff foram os gritos da população de “o povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”. O canto sendo transmitido ao vivo em pleno horário nobre da empresa não pôde ser abafado, causando constrangimento nos repórteres e deixando claro a partir deste momento o embate político que existia entre as forças golpistas, com fundamental apoio da Rede Globo, e o governo eleito.

A porta-voz do golpe e do imperialismo

A impopularidade da rede de televisão apenas aumentou com o golpe de Estado. Convocando os atos golpistas e servindo de propaganda para o golpe, a Rede Globo foi peça chave na derrubada de Dilma Rousseff, tornando-se uma das mais destacadas inimigas do povo brasileiro. Desde então a revolta contra a Globo aumentou, por muito se falou em revogar a concessão antidemocrática feita à família Marinho, que detém há décadas o maior monopólio do rádio e televisão no Brasil. No entanto, nas vésperas do fim da concessão pública feita à Globo, para ocorrer no dia cinco de outubro, o debate sumiu do progra-

ma da esquerda brasileira, que em meio às eleições decidiu ser a principal aliada da rede golpista. Enquanto a extrema-direita encabeçada por Jair Bolsonaro decidiu se colocar como os representantes da luta “anti-sistema”, demagogicamente atacando a Rede Globo e a jornalista Vera Magalhães, uma das principais articulistas na imprensa burguesa do golpe de Estado, a esquerda brasileira, e ainda mais o PT, decidiu por defender a jornalista e a rede da família Marinho, esquecendo totalmente quem é Vera Magalhães.



Quem é Vera Magalhães?

Desde antes da eleição de 2014, a Rede Globo dedicou todo seu tempo para atacar os governos do PT e promover a política do golpe de Estado. Em meio a isto, uma das principais jornalistas da Globo e TV Cultura, Vera Magalhães, tornou-se destaque na campanha golpista, protagonizando um dos principais “escândalos” do mensalão quando supostamente flagrou o ministro

do STF Lewandowski conversando com o irmão por telefone, em um restaurante em Brasília. Segundo Vera, o ministro teria falado que procurava aliviar os ataques feitos ao então Ministro-Chefe da Casa Civil, José Dirceu. Uma década depois, a “vítima” Vera Magalhães participou diretamente da campanha que elegeu Jair Bolsonaro. Vera também é a típica jornalista da imprensa golpista, tendo passagens pela Veja, Jovem Pan, Estadão, Folha de São Paulo, etc. Tornando os ataques feitos por Bolsonaro e o deputado Douglas Garcia, apenas um fato de comum acordo com todos os trabalhadores brasileiros. Dessa forma, a esquerda se juntou na campanha de defender as “instituições” golpistas, assim como a própria imprensa golpista contra as falas demagógicas da extrema-direita. Ao defender Vera Magalhães e a Rede Globo, a esquerda de conjunto se coloca ao lado do seu maior inimigo, do principal e mais poderoso setor da burguesia, que mais que a extrema-direita, quer esmagar Lula e os trabalhadores a todo custo.

É preciso por um fim na concessão da Rede Globo!

No dia cinco de outubro, o vencimento da concessão feita à Rede Globo ocorrerá, porém apenas o

Partido da Causa Operária vem colocando em destaque este problema fundamental. A esquerda permitirá mais 15 anos de existência de uma das mais antidemocráticas e golpistas redes de rádio e televisão existentes? Com a política atual seguida pela esquerda pequeno-burguesa, sim. A atitude presente nos demais partidos da esquerda revela a inexistência de uma política própria, se colocando à reboque da Rede Globo e da própria burguesia golpista. A defesa da Globo é a defesa do golpe de Estado, daqueles que promoveram a ditadura militar, os candidatos da burguesia durante todas as últimas décadas, dos responsáveis por derrubar Dilma, prender Lula e eleger Bolsonaro. Defender a Globo não é democrático, democrático é defender o fim da concessão dada pelo Estado para este monopólio controlado pelo imperialismo. Uma rede de rádio e televisão democrática, não pode estar na mão de uma família, mas sim das organizações populares, dos trabalhadores, dos sindicatos, etc. A Rede Globo nada mais é que a imprensa porta-voz do imperialismo no Brasil. Uma família que controla a vida de milhões de brasileiros, uma verdadeira ditadura criminosa contra todo o povo. É necessário neste mês de outubro recolocar a política de fim da concessão da Rede Globo. Para derrotar o golpe e o imperialismo, é preciso democratizar a imprensa brasileira, acabar com o controle ditatorial da família Marinho e outras poucas famílias que detêm em suas mãos toda a “verdade” no país.

TV Globo, uma história de manipulação e propaganda capitalista
https://www.youtube.com/watch?v=lKiL1yr_tjs



HISTÓRIA

Aprenda neste curso

Qual a relação da história do País com desmatamento na Amazônia?

Rui Costa Pimenta ministra aulas todas as terças-feiras, que você pode assistir online na plataforma de cursos do PCO

Há cerca de dez dias, o Brasil comemorou os 200 anos de sua independência. Talvez o maior marco na história do país pois, é a partir daí que nasce o país como hoje conhecemos. Um dos maiores países do mundo em território e em população, com uma infinidade de riquezas naturais que fazem inveja a qualquer povo.

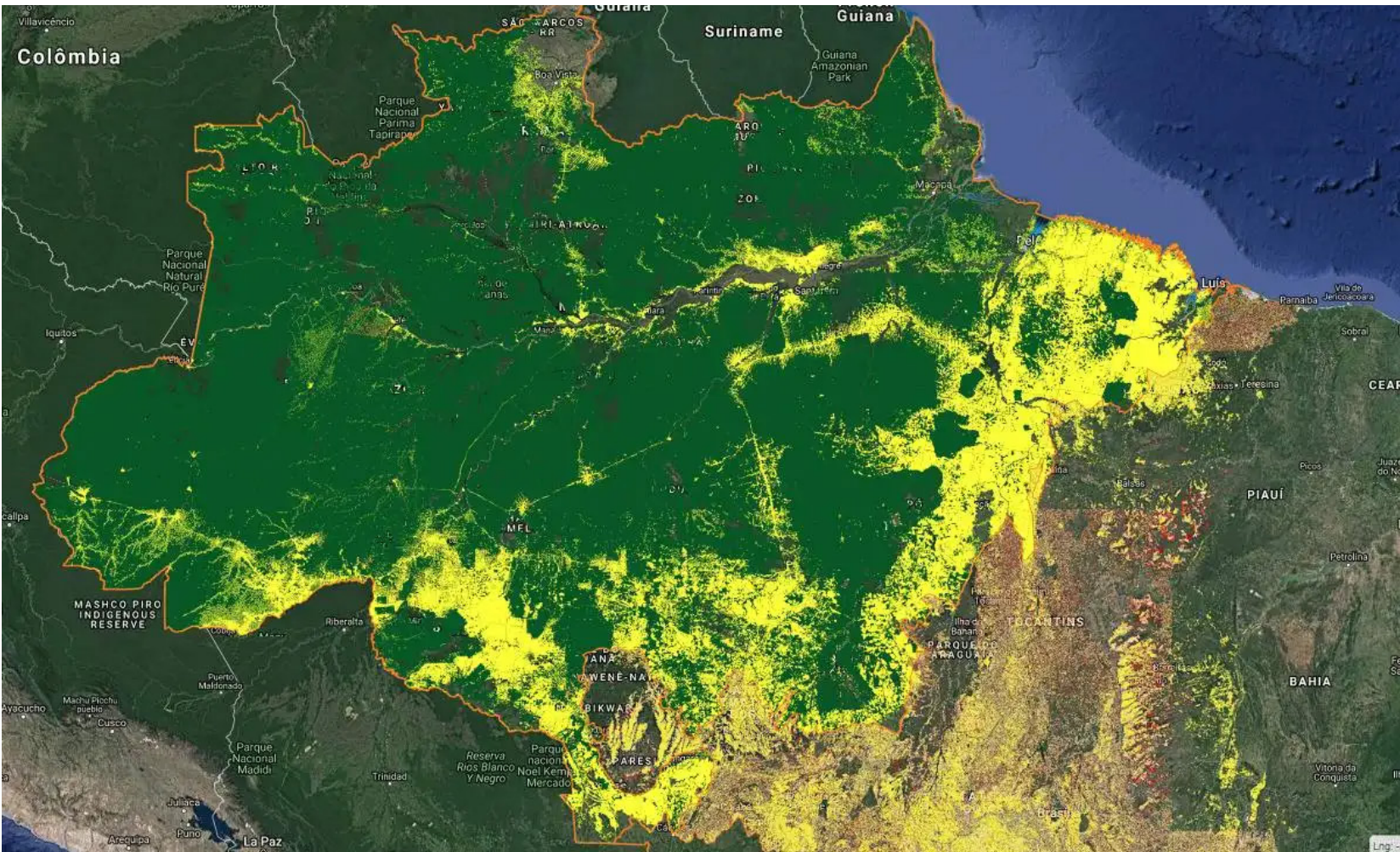
Dentre estas riquezas está a Amazônia, um território gigantesco, que abrange um terço (1/3) do território do continente sul-americano, abriga a maior biodiversidade animal e vegetal do mundo com mais de 5,5 milhões de quilômetros quadrados, aonde mais de 60% destes são brasileiros. Além disso, representa cerca de 1/3 do território do Brasil, ou seja, um espaço essencial para tornar o país o gigante que é hoje. Mas, apesar destes serem fatos amplamente conhecidos, ultimamente tem surgido posições estranhas de ditos ecologistas ou entusiastas do tema que questionam uma Amazônia brasileira, que o desmatamento é algo que não aconteceria se o território não fosse brasileiro, chegando a propor que houvesse uma “administração internacional” para a região.

A história da Amazônia é a história do Brasil

Em primeiro lugar é preciso deixar claro que a Amazônia é um território que só existe como conhecemos graças à história do Brasil. A exuberância da floresta equatorial amazônica todo o seu grau de preservação, só está preservado em grande medida pois a maior parte do seu território faz parte de um país que, na sua fundação, não se “espatifou” que manteve sua unidade política, mantendo a unidade do seu território e do seu povo.

Vendo por outro lado, caso no processo de independência da metrópole portuguesa, o Brasil, tivesse se tornado uma série de pequenos países, uma coisa seria simples de prever: um país que tivesse seu território todo dentro da floresta amazônica, não teria outro meio de se desenvolver se não destruindo boa parte bioma, principalmente, porque seguindo a lógica do desenvolvimento econômico da região, seriam países pequenos e pobres, aonde os recursos naturais seriam o principal recurso econômico do país.

Entretanto, no processo de formação do país, a Amazônia foi preservada na unidade territorial nacional



A Amazônia só existe porque está no Brasil. - Foto: Reprodução

e, se por um lado não possui grande desenvolvimento econômico e social para seus habitantes, por outro o país se desenvolveu sem precisar acabar com todo o bioma.

Contradição econômica explica o desmatamento

Outro ponto a ser destacado, é que o desmatamento, a exploração mineral e vegetal de forma predatória só acontece exatamente devido ao baixo nível de desenvolvimento econômico da região. O que faz com que seus cerca de 25 milhões de habitantes tenham que lançar mão de todo o tipo de atividade que gere o mínimo de sobrevivência, mesmo que com alto custo no ambiente que vive. Para boa parte a conta é simples, sem trabalho, com renda baixíssima, não há como “abrir mão” de nenhuma atividade econômica.

Entretanto, é por este mesmo motivo que o Brasil, o Estado brasileiro é o único que pode desenvolver a região sem destruir a floresta. Como um país complexo com grandes necessidades materiais e humanos para manter sua economia, criar e implantar uma política de desenvolvimento para a região amazônica que esteja integrada à economia nacional é uma tarefa relativamente simples.

No Brasil há ainda um dos maiores parques industriais do mundo, com grande diversidade produtiva e uma classe trabalhadora desenvolvida, combinação que pode

construir qualquer bem ou equipamento, além de um grande mercado consumidor. Essa combinação permitiria que fossem escolhidos tipos de indústrias, serviços e planejada a infra-estrutura combinadas com outras áreas do país de forma a manter preservadas boa parte do meio ambiente atual.

Também devemos destacar que, o Brasil nunca foi “livre” para se desenvolver, desenvolver sua economia e fazê-la atender as necessidades materiais da sua população. E este fato se deve em primeiro lugar a ação da burguesia internacional imperialista que sempre agiu para impedir que o progresso da nação. Podemos citar a luta para a criação da Petrobrás, a qual somente ocorreu após anos de uma campanha nacional para que a grande riqueza do século XX fosse explorada a bem do país, a campanha “O Petróleo é nosso”. Devemos lembrar também as lutas no começo do século XX quando o país auferia grandes recursos com a venda de café, indústria que afundou com a crise de 1929, a indústria da borracha, a luta pelo nascimento da indústria de base como a CSN, a construção de grandes hidroelétricas nos maiores rios. Todos estes eventos foram acompanhados por sabotagens, campanhas na imprensa burguesa e campanhas políticas, criadas fora do país para impedir que o país superasse as contradições econômicas entre as suas diversas regiões. É claro, que a burguesia nacional foi parceira da burguesia imperialista

nestes ocorridos. Por último é preciso destacar que, como toda riqueza material, a Amazônia é um território riquíssimo em termos vegetais, animais e minerais e esta riqueza é enormemente cobiçada por grandes capitalistas em todo o mundo, que vêm incorporeáveis oportunidades de exploração destes recursos para auferir lucros gigantescos. E este é o perigo concreto do qual todos os brasileiros estão diante. Recursos como a água, terras raras, minerais, petróleo, gás estão são os recursos naturais mais cobiçados no mundo e o Brasil os têm em abundância, principalmente, na Amazônia. Desta forma, é preciso estabelecer imediatamente um programa de luta embasado numa política de desenvolvimento nacional, que inclua os brasileiros que vivem nas regiões e exclua inexoravelmente todo e qualquer interesse estrangeiro na região que é território brasileiro e “ponto final”. Este tema você pode acompanhar melhor e entender todos os ângulos do problema, participando do curso “Brasil 500 anos: uma análise marxista” disponível na plataforma da Universidade Marxista do PCO. O curso está no seu segundo módulo e conta com aulas ao vivo todas as terças-feiras, mas você pode acompanhar posteriormente o arquivo em vídeo, assim como as aulas anteriores.

Acesse a plataforma abaixo e participe do único curso da história do Brasil sob um ponto de vista marxista.

POLÊMICA

"Bancada progressista"?

Seria melhor Lula fumar crack que virar cabo eleitoral de Boulos

Colocar o aparato do PT a serviço dos abutres do PSOL, da Rede e do PSB é um tiro no pé

O jeito que a coisa anda, a única a conclusão à qual podemos chegar é mesmo a de que seria melhor Lula se tornar um carackeiro do que se tornar cabo eleitoral desse Cavalo de Troia chamado Guilherme Boulos. Leia tudo sobre Boulos e o IREE. Uma série de reportagens que mostra como há ligações entre esse instituo e a CIA.

Boulos é um sujeito esperto. Ele e seu partido, Psol, pouco ou nada fizeram para tirar Lula da cadeia, consideravam que a palavra de ordem **Lula Livre** não agregava. Porém, quando o ex-presidente foi solto, rapidamente subiram no palanque montado para Lula discursar em São Bernardo para beijar-lhe a mão e saírem na foto. Quem não se lembra de Boulos passando a falar com a voz rouca? Será que queria se fazer parecer com Lula? Mistérios...

Tanto Lula quanto a direção petista deveria pensar mil vezes antes de promover Boulos. O Psol foi um dos principais entraves nos atos de rua pelo Fora, Bolsonaro e chegaram a sugerir que militantes não levassem faixas ou pedissem Lula Presidente nas manifestações.

Boulos foi um dos maiores entusiastas pela formação de uma frente ampla para supostamente derrotar o fascismo (Bolsonaro). Frente que incluiria bolsonaristas e golpistas de pai e mãe. O plano de Boulos e Psol era retirar Lula das eleições e colocar a esquerda a serviço da Terceira via, à época representada por João Doria, ou Bolsodória, para os íntimos.

Para justificar sua militância pela 'frente ampla', Boulos chegou a comparar essa possibilidade com o movimento pelas Diretas, já! O que não deixa de ser coerente, pois naquela ocasião, quanto nesta, caso a coisa vingasse, a população foi traída.

Os bancos financiariam inimigos?

Sim, o crack é nocivo, mas a esquerda está sendo infiltrada por setores ainda mais perniciosos. É uma turba de 'candidates identitárias', 'negres', 'indígenes', amplamente financiados por banqueiros. Muitos candidatos do Psol, o próprio Guilherme Boulos recebem financiamentos desse tipo.



Lula anda muito 'paz e amor'. – Montagem: DCO

Não é coincidência que com o ascenso desses setores direitistas tem aumentado o cerceamento à liberdade de expressão e ao 'faço tudo por uma vitória eleitoral'. Em nome de 'precisamos derrotar o fascismo', não se pode falar mais nada. Recentemente, a esquerda passou a defender a Rede Globo. Defenderam uma golpista de primeira hora, Vera Magalhães, apenas porque um deputado bolsonarista disse que a jornalista era uma vergonha. O que esses setores financiados pelos bancos e pela CIA têm apoiado? Os 'identitárias' querem que tudo seja considerado crime ou 'discurso de ódio' e tentam destruir a nossa identidade enquanto povo. A 'bancada do cocar' é formada por índios *gourmet* que querem a 'preservação da Amazônia', foram críticos da Usina de Belo Monte, no Rio Xingu. Exatamente aquilo que o imperialismo deseja: repressão e entrega da Amazônia.

Sônia Guajajara criticou Belo Monte, constrangeu Lula e disse a ele que os indígenas não precisavam de eletricidade. Menos ela, claro, pois vive para lá para cá em viagens e se hospedando em bons hotéis com muita eletricidade e banho quente.

A eleição dessa gente, e Lula está servindo e cabo eleitoral, levará para o Congresso pessoas muito direitistas. Os bancos sabem o que fazem, não vão financiar aqueles que contrariam

seus interesses. Se dão dinheiro para candidatos é porque sabem que terão retorno da doação/investimento.

O pior é que, com esse apoio, o Psol poderá eleger mais deputados que o próprio PT e em um cenário onde Guilherme Boulos é apontado como o principal candidato!

Banho de água fria

Não bastassem esses setores direitistas como satélites do PT. A candidatura Lula está emporcalhada com a presença de um Geraldo Alckmin, Márcio França para o Senado. Marina Silva apoiando em troca da criação de uma suspeitíssima **Autoridade Climática**, meio passo para a entrega da Amazônia a pessoas como George Soros, seu chefe e financiador.

O resultado foi a esquerda petista ficar emudecida. Essa operação começou com o não comparecimento de Lula nos atos de 2021, o boicote das manifestações de rua, culminando com os acordos por cima para a formação da chapa.

Há um sentimento de desmoralização, e quem tem se sobressaído são justamente aqueles setores pequeno-burgueses que acham correto fazer qualquer coisa para 'vencer o fascismo'. Nada como ter um carguinho em alguma secretaria para combater a extrema-direita.

Vitória com muitas aspas

Poderemos considerar uma vitória verdadeira, caso Lula vença as eleições, e elegendo toda essa hora direitista infiltrada na esquerda? Sem mencionarmos o fato de o PT ter aberto mão de candidaturas em diversos Estados. No Rio, Marcelo Freixo, até outro dia do Psol, tem ninguém menos que Cesar Maia como vice. Freixo é um entusiasta da polícia, e recentemente, pensando nas eleições mudou sua opinião sobre a descriminalização das drogas. Ainda que Lula vença as eleições, terá muita pressão da direita sobre seu governo, tanto internamente quanto de fora. Por isso o papel da esquerda é pressionar também, ou teremos um governo muito moderado e sem os entreguismos de um Bolsonaro.

Todo mundo só pensa em vencer, as eleições meio que anestesia, ou narcotiza o eleitorado. Quando passar o efeito dessa droga é que teremos que deparar com a realidade. E a realidade é que Lula e o PT precisam parar de servir como cabo eleitoras daqueles que querem seu fim.

Para Lula largar esse vício, de ser paz e amor com seus traidores, tem que se voltar para a verdadeira base de esquerda que saiu às ruas, que acampou em frente a Polícia Federal e não arredou pé até sua soltura. É disso que ele precisa. Fora disso só tem droga, e droga pesada.

INTERNACIONAL

Insurreições à vista? Como as sanções à Rússia estão levando a Europa à ebulição

Grandes protestos começam a ocorrer em alguns dos principais países da União Europeia contra a inflação absurda



Manifestação na França. - Foto: Reprodução

Neste último sábado (17), as ruas de Paris foram marcadas por gigantes passeatas organizadas pela população as quais pediam a saída do atual presidente, Emmanuel Macron, assim como também a saída da França da Otan e da União Europeia.

A primeira manifestação ocorreu em 3 de setembro e teve continuidade no sábado (17), sendo convocada pelo partido Les Patriotes, de caráter de extrema-direita, mas que tem pego diversas reivindicações populares e, assim, mobilizado a população francesa.

Algo similar ocorreu na República Tcheca: no dia 3 de setembro, a população foi às ruas de Praga para protestar contra o governo. Com uma estimativa de 70 mil pessoas presentes, eles protestavam também contra a Otan e a União Europeia. De acordo com os líderes da manifestação, o país deve ser neutro militarmente e garantir contratos diretos com fornecedores de gás, o que inclui a Rússia. Outro fator interessante foi a repulsa à bandeira da Ucrânia pendurada em frente ao Museu Nacional da cidade.

“O objetivo da nossa manifestação é exigir mudanças, principalmente na resolução da questão dos preços da energia, especialmente eletricidade e gás, que destruirão nossa economia neste outono”, disse um dos organizadores do evento, Jiri Havel.

Entre os meses de março e julho, também presenciamos diversas manifestações na Itália contra a Otan,

exigindo a saída do país da organização e culpando a Otan pela guerra na Ucrânia. Além disso, manifestações ao longo do ano foram registradas na Alemanha, Espanha e outros países.

O interessante a se observar é que a população tem se dado cada vez mais conta do que se trata o conflito na Ucrânia. Em vez de histericamente acusar a Rússia de atacar a Ucrânia por “pura maldade” e de “matar inocentes” pelo mesmo motivo, é importante entender todos os lados da história.

O início de todo esse conflito, que ocorreu em fevereiro deste ano, foi quando o imperialismo europeu e norte-americano implantou bases militares, assim como colocou tropas da Otan na fronteira entre a Rússia e a Ucrânia, ameaçando, assim, a Rússia de invasão e de cerceamento. Tudo isso explodiu quando ocorreu a tentativa de colocar a Ucrânia na

Otan, o que consolidava parte das ameaças.

Entre uma das formas de revidar, a que aconteceu era uma das menos esperadas: a Rússia invadiu a Ucrânia e começou a liberar o território da região, avançando de pouco em pouco, liberando as Repúblicas Populares do Donbass e, agora, liberando o resto da Ucrânia, tudo isso a passos de bebê, na tentativa de atingir o mínimo de civis possível.

Isso, no final das contas, provou que o imperialismo já não está mais com toda força de antigamente, e não conseguiu bancar o que se propôs a fazer. Tanto é isso que esses países abandonaram a Ucrânia à própria sorte, dando uma infinita ajuda indireta, mas sem efetivamente “meter a mão na massa”.

A principal forma de combate ao gigante russo foram as sanções e o envio de armas e financiamento à Ucrânia. Essa, no fim das con-

tas, acabou sendo o maior nêmesis dos países imperialistas — com as sanções, a Rússia que, apesar de ser um país atrasado, é rico em recursos naturais, decidiu cortar o fornecimento de gás para a Europa. É importante considerar que o país é o maior fornecedor de gás do continente, o que fez com que uma escassez sem precedentes tomasse conta da Europa, com falta de gás, petróleo e outros recursos energéticos. Isso ocorre em um período onde a crise política e social do continente já é grande, com a inflação nas alturas, encarecendo o preço dos alimentos, água e luz de maneira absurda.

Em paralelo a isso, a relevância da Rússia foi crescendo. Apesar da manipulação da imprensa imperialista, a população de diversos países percebeu a cilada, se levantando para protestar contra a Otan e a proximidade de seu próprio país a essa política fascista.

Por isso, milhares de europeus foram às ruas, protestando contra os absurdos da Otan e a série de impactos que isso acabou causando em seus próprios países. Não só isso, mas esses fatos também fizeram com que os europeus reparassem mais nos problemas já existentes em seus países, como a crise contínua e os ataques aos países atrasados.

Isso também evidencia que os países imperialistas não ligam para a sua população, pois preferem insistir em sanções sem sentido enquanto seu povo passa frio e fome. Desde sindicatos até associações de extrema-direita tomaram esses países, se aproveitando da alta insatisfação para abocanhar uma parcela da população ao se colocar como antissistema.

Em suma, o imperialismo não conseguiu bater de frente com a Rússia, e isso agora se reflete na sua própria população que está, apesar de desorganizada, nas ruas, em prol dos oprimidos.

**ANÁLISE
POLÍTICA
DA SEMANA**

com **RUI COSTA PIMENTA**

AO VIVO

**16H
NA COTV**

**QUEDOS OS
SÁBADOS**

LOJA do PCO

**CONTRIBUA COM AS
CAMPANHAS
DE RUA E ADQUIRA
PRODUTOS NA:
LOJADOPCO.COM**